

Gabriel Nunes da Silva

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. É integrante do NAV: Núcleo de Antropologia Visual - FAFICH/UFMG.

Contato: <gbrlxz@gmail.com>

**Palavras-chave:** cinema negro; arte negra; crítica cultural.

**Keywords:** black cinema; black art; cultural criticism.

# TANTO APERTOU QUE ATÉ QUE ENFIM RASGOU

**Resumo:** A violência do racismo se manifesta em vários âmbitos da sociedade brasileira. A arte é um destes. O filme *Tudo que é apertado rasga* (2019) realizado por Fabio Rodrigues Filho busca construir uma ferramenta que traga justiça a artistas negros/os através da retomada de imagens de arquivo e de sua remontagem olhando para a agência da atriz e do ator negro em parte da cinematografia nacional. Nesse ensaio me debruço sobre o filme de Fabio, sua forma, sua crítica, sua potência, e sobre como o jovem realizador baiano faz um ensaio fílmico sobre o Outro e sobre si.

**Abstract:** The violence of racism shows itself in several scopes of Brazilian society. Art is one of them. The film *Tudo que é apertado rasga* (2019) directed by Fabio Rodrigues Filho seeks to build a tool that brings justice to black artists through the recovery of archive images and their reconstitution looking at the agency of black actresses and actors in the Brazilian history of cinema. In this essay, I focus on Fabio's film, its form, its criticism, its power, and on how the young director makes a film essay on the Other and on himself.

## INTRODUÇÃO

*"Eu sou dádiva, mas me recomendam a humildade dos enfermos... Ontem, abrindo os olhos ao mundo, vi o céu se contorcer de lado a lado. Quis me levantar, mas um silêncio sem vísceras atirou sobre mim suas asas paralisadas. Irresponsável, a cavalo entre o Nada e o Infinito, comecei a chorar."*

(FRANTZ FANON)

É com esses dizeres do grande intelectual negro Frantz Fanon (2008, p. 126), que Fabio Rodrigues Filho abre seu filme *Tudo que é apertado rasga* (2019, 27 min.). O filme-ensaio de Fabio, que foi seu trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), busca, por meio da retomada de imagens de arquivo, revisitar parte da cinematografia nacional a fim de questionar a presença e agência do ator e da atriz negra, em uma tentativa de construir uma ferramenta de justiça por essas vozes sequestradas na dura realidade do racismo brasileiro.

Por meio de sua primorosa montagem, Fabio Rodrigues Filho denuncia a ausência, a invisibilização, a sub-representação, entre outras formas de opressão da figura da/o negra/o na mídia brasileira. Girando em torno de grandes nomes da dramaturgia brasileira, como Zezé Motta, Jorge Coutinho, Ruth de Souza e Zózimo Bulbul, o filme-ensaio resgata filmes, novelas e entrevistas dessas/es artistas em um esforço de leitura e releitura crítica da imagem da pessoa negra na mídia e arte de nosso país.

Como diz Georges Didi-Huberman (2016), não há como se propor uma reconfiguração do passado, uma revolução nas ações da representação, sem revisitá-lo com um olhar crítico. Rodrigues Filho remonta a história da dramaturgia brasileira, construindo um diálogo de tensões e catarses; suas teses – os "apertos" – seguidas de suas antíteses – os "rasgos" – convergem brilhantemente na síntese que é a própria existência do filme: a ação de devolver o protagonismo a atrizes e atores negros e negros.

Fabio está aqui fazendo um filme sobre a negritude, sobre a imagem da negritude, ou seja, um filme sobre si. Sua onipresença na obra marca muito bem a experiência vivida do negro (FANON, 2008).

*Tudo que é apertado rasga* é uma escrita de si em cinema. Um filme ousado e potente. Que lança um questionamento já oferecendo uma resposta a este. A/O negra/o sofre da tentativa violenta de ser apagada/o da história de nosso país e é através do grito, do corpo, da imagem, que ela/e enfrenta essa violência.

## APERTANDO

"A felicidade do negro é uma felicidade guerreira", canta Gilberto Gil (1984), no primeiro som que ouvimos no curta. Podemos ver essa felicidade na atriz Zezé Motta, cuja trajetória é contada no filme por meio de entrevistas concedidas ao longo de sua carreira. A atriz conta o mesmo episódio nas conversas: ela é questionada sobre estar fazendo um curso de teatro; responde positivamente; é então replicada com "Não sabia que para fazer papel de empregada tinha que fazer curso de teatro". Ao longo dos anos, o tom jocoso que Zezé Motta usava para contar o evento foi se transformando e passou a evocar dor, decepção e raiva, marcas da retomada de um episódio de racismo (KILOMBA, 2019).

A sociedade brasileira foi constituída na morte de milhões de pessoas indígenas e negras desde a invasão portuguesa. Não só foi, como continua sendo. O povo preto e indígena segue sendo assassinado pelo Estado, na forma mais explícita das violências do racismo, mas essa se manifesta em uma grande variedade de formas e espaços: o apagamento é uma delas. Fazer uma análise da dramaturgia brasileira, tanto no cinema quanto na televisão, é evidenciar a decadência do mito da democracia racial, a ideia de que o Brasil é um país mestiço e que o somos uma sociedade integrada que conseguiu superar o racismo (ARAÚJO, 2008).

Zezé Motta é uma mulher negra. É atriz, cantora, um dos grandes nomes da arte brasileira. E sempre contou suas vivências nos bastidores da tv, cinema e teatro brasileiros. Lançada ao estrelato pelo papel de Xica da Silva, no filme homônimo de 1976 dirigido por Cacá Diegues, a artista conta como sempre foi perseguida por "papéis de negro", por personagens estereotipados e tomados por estigmas. Depois de ter feito Xica, Motta era sempre procurada para interpretar mulheres escravizadas, sempre profundamente sexualizadas. Deixarei Motta aqui falar por si mesma, resgatando um trecho de uma entrevista sua para O Globo, publicada em janeiro de 2019:

“ – Sou do tempo em que os personagens negros não tinham família, eles viviam a reboque dos outros, geralmente brancos – ataca. – E quando tinha um espaço para mim, a não ser que o assunto fosse escravidão, não tinha para a Neusa Borges. Quando tinha para a Chica Xavier, não tinha para a Ruth de Souza. Quando as pessoas perguntam se as coisas melhoraram, digo que sim, mas que ainda temos muita luta pela frente. O que me anima é perceber hoje que a maioria dos negros brasileiros tem o orgulho de ser negro, andam de cabeça erguida e não aceitam discriminação.”

O que Fabio faz em seu filme é mostrar como adquirir consciência do racismo e de seus efeitos sobre a pessoa negra é um processo. Da jovem Zezé, sorridente, até à mulher mais velha, cheia de pesar no olhar, foi percorrida uma longa estrada, marcada pelo estigma e pela violência. Pode-se pensar aqui que Zezé Motta se empoderou, assumindo aqui empoderamento, sob à luz de Joice Berth (2019), como um ato de movimentação interna de despertar das potencialidades que definirão o enfrentamento a um sistema de dominação machista e racista. Somando a esse movimento, o próprio debate sobre discriminação racial conquistou espaço na mídia, tornando possível que histórias como a de Motta possam ser contadas como o que realmente são: episódios de racismo.

Posto em contraponto entre si, as diversas entrevistas em que a atriz conta tal história constrói um dos pontos de tensão do filme, um dos “apertos” que em seguida é “rasgado” pelas risadas em silêncio da audiência e de Zózimo Bulbul, postos em disputa. Eu penso aqui a ideia de que esses “apertos” e “rasgos” funcionam como uma espécie de empoderamento acionado pela narrativa do filme. Zezé Motta foi “apertada” com o estigma da imagem da mulher negra, até que “rasgou” essa opressão no movimento de se recusar a fazer papéis estereotipados e caricatos.

Fabio Rodrigues Filho investe na montagem como um gesto de reelaboração da História, como um gesto de autoafirmação, restabelecendo a potência dos corpos dessas atrizes e atores, no interior dos arquivos mobilizados na obra (BÉLICO, BRAZ, ITALIANO et al., 2019). Evoco aqui o sociólogo, crítico e filósofo Walter Benjamin que diz: “a montagem arranca da coerência desmoronada e aos múltiplos relativismos do tempo partes que ela reúne em figuras novas” (apud DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 5). Em *Tudo que é apertado rasga*, esse caráter da montagem pode ser claramente evidenciado, sua montagem não reinventa a história, mas a escancara. Explicita o racismo e a posição social imposta ao negro, refletida pela mídia que, mais desserviço fez e faz a sua difusão do que conseguiu ou consegue propor discussões consequentes e comprometidas sobre o assunto (BARROS & FREITAS, 2018). O realizador aplica um método de montagem que joga com a criação de tensões e suas resoluções, mas sem se tornar monótono.

O curta de 27 minutos de tempo de tela monta imagens ficcionais retomadas de novelas, filmes e seriados com não ficcionais recuperadas de entrevistas e documentários. O filme é dividido em cinco

sessões: prólogo, introdução, parte 1 – “O aperto” –, parte 2 – “O rasgo” – e um epílogo. Cada uma das partes conduz a pessoa espectadora em direção à outra, apresentando uma narrativa muito coesa e fluida. A narrativa opta por executar várias formas de montagem. Diferentes entrevistas são agrupadas a fim de formar uma linha argumentativa confluyente, seja da mesma pessoa, como no caso das entrevistas de Zezé Motta, seja de várias, como quando Motta fala sobre sua carreira na publicidade; e suas falas são conectadas com as de Ruth de Souza sobre o mesmo assunto. O *voiceover* – narrados pelo próprio realizador – e a montagem musical também são acionados em múltiplos momentos.

O realizador lança aqui uma disputa com as imagens (LEANDRO, 2016), assimilando-as como objetos estéticos e, ao mesmo tempo, políticos. Ele medeia essa disputa por meio da montagem. A ideia de “olhar opositor” é conceituada por bell hooks<sup>1</sup> (2019) como sendo um olhar interrogativo de pessoas negras que olha para trás e nomeia o que vê, um olhar do lugar de resistência de um povo colonizado. Fabio Rodrigues Filho construiu um filme a partir de seu olhar opositor: sua retomada, sua remontagem, sua crítica é feita a partir do seu lugar enquanto homem negro. Ele revisa o lugar daqueles que são como ele e, ao mesmo tempo, o seu lugar de artista negro. *Tudo que é apertado rasga* é um filme sobre Fabio, negro e artista, e sobre todas as outras pessoas negras, sejam aquelas que são artistas, sejam aquelas que não são.

## RASGANDO

Utilizando sem autorização arquivos da dramaturgia brasileira, Rodrigues Filho de alguma forma retribui o sequestro das vozes negras na arte brasileira. Ele “faz justiça à memória dos vivos e mortos evocando imagens, lavando a história de forma a soltá-la dos vícios e lodos do poder”, parafraseando aqui o próprio realizador, em seu texto *Quem cala sobre teu corpo, consente na tua morte*, presente no catálogo da 23ª edição do *forumdoc.bh* – Festival do Filme Documentário e Etnográfico, mas se referindo ao filme *Pontes sobre Abismos* (Aline Motta, 2017, 8 min.). Na mesma publicação, a professora, crítica e curadora de cinema Kênia Freitas, em ensaio sobre *Tudo que é apertado rasga*, diz: “O que Fabio Rodrigues Filho evidencia com o seu método é o fato de que atrás destas imagens estão imagens do cinema negro que faltam. [...] Tudo é dito. Tudo é repetido. Mas ninguém ouve.” (FREITAS, 2019, p. 194).

Também enquanto um gesto de reparação, Fabio devolve a Zózimo Bulbul sua voz sequestrada. O ator, cineasta, produtor e roteirista brasileiro, foi dublado por um ator branco, em uma de suas falas no filme *Compasso de Espera* (Antunes Filho, 1973, 98 min.). Através do *voiceover* inserido pela montagem, o próprio realizador recita o poema que era para ser interpretado por Bulbul. Fabio usa seu próprio corpo como uma ferramenta de justiça. Ele se escreve no filme. *Tudo que é apertado rasga* é algo tão pessoal que chega a ser íntimo. Mais uma vez, um procedimento de montagem escancara um ato racista da história, mas propõe uma resolução momentânea. Uma voz negra é devolvida ao seu lugar. A voz de Fabio aqui deixa de ser dele, e passa a ser de Zózimo, mas, paradoxalmente, nunca deixa de ser sua.

1 A teórica feminista e ativista estadunidense Gloria Jean Watkins utiliza do pseudônimo “bell hooks” em sua produção. Inspirada pelo nome de sua bisavó, ela pontua que a substância de sua obra é mais importante do que quem ela é. Assim, por escolha da autora, seu nome se escreve todo em letras minúsculas.

A negritude não é universal. Falar sobre ser negro não é universal. Cada pessoa negra vive a negritude de uma forma. A vivência da negritude é atravessada por outras formas do existir como gênero, classe, orientação sexual, localização sócioespacial dentre muitas outras, mas é pensado que a vivência da negritude tem suas semelhanças. Semelhanças essas que geram uma solidariedade racial: uma forma de identificação política, na qual todas as pessoas negras compartilham experiências de discriminação que afetam sua condição material e cultural, resultando numa situação de vulnerabilidade social, que nos torna sujeitos com uma preocupação em comum, como descrito por Adilson José Moreira (2018). Fabio Rodrigues Filho olhou para a história de artistas negros na dramaturgia brasileira e decidiu recontá-las, pois ele viu nelas a sua própria história. Eu olhei a história de Fábio e decidi recontá-la, porque vi nela a minha própria. Ser negro/o é enxergar suas vivências individuais em uma possível vivência coletiva. É enxergar um quê de si em outra(s) pessoa(s).

Fabio Rodrigues Filho corta e dobra imagens e sons uns sobre os outros (FREITAS, 2019) de maneira a rasgar o tecido do racismo velado, denunciando-o, ao mesmo tempo que utiliza dessas cenas brutais, para construir uma imagem de excelência e protagonismo sobre a arte negra. O filme é um grande manifesto não só sobre o racismo na mídia brasileira, mas na sociedade brasileira, uma vez que se entende a primeira como reflexo da segunda. O realizador constrói um filme que propõe uma narrativa dialética, que busca contar e simultaneamente recontar a história da arte brasileira.

O filme executa essa devolução por meio de um duplo movimento. O primeiro é literal: resgatar imagens de filmes e novelas e colocá-los sob uma nova ótica. O segundo é figurativo: o corpo de seu realizador, transmutado em montagem, sendo o protagonista do filme. Jean-Louis Comolli diz que o cinema marca a "impressão de realidade tal qual é produzida por meio de uma máquina" (2008, p. 97). Sendo assim, o cinema transforma as evidências do sensível, inventando o espectador como o sujeito do filme e da experiência que é assistir a um filme. Da forma como um filme é uma representação das relações sociais, ao mesmo tempo que também é por si só uma relação social, falar sobre a imagem que é produzida do negro na dramaturgia é falar sobre a imagem que é produzida fora dela, e sobre a imagem que é absorvida pelas pessoas, tanto negras quando não negras.

Recorro à socióloga estadunidense Patricia Hill Collins (2019): usarei de seu conceito de "imagens de controle". Estas não são as mesmas ideias de representação e estereótipo. Imagens de controle se apresentam enquanto dimensão ideológica do racismo e do sexismo e que são historicamente manipuladas como uma forma de controlar o comportamento e os corpos de mulheres negras, obstaculizando os processos de subjetivação dessas mulheres, sua autonomia e também o exercício da cidadania (BUE-NO, 2019). Personagens negras, quando escritas por pessoas brancas, servem à branquitude. Essas personagens operam como imagens de controle. Para exemplificar, aqui retomarei a já referida entrevista de Zezé Motta ao O Globo em 2019:

*"– Todo mundo queria transar com a Xica. Foi um problema para mim, tive que levar para minha análise. Eu não podia decepcionar os meus parceiros e acabava esquecendo do meu próprio prazer. Eu ficava fazendo teatro na cama! Mas só passei por uma ocasião agressiva, quando quase fui sequestrada por um taxista. Eu estava com uma minissaia, ele começou a passar a mão na minha coxa e a furar todos os sinais."*

(MOTTA, 2019)

A personagem de Xica da Silva serviu enquanto perpetuação da imagem hipersexualizada da mulher negra e como parte da cultura do assédio presente na sociedade brasileira. Esta personagem foi base para um homem praticar uma violência à atriz que a interpreta. Mas Xica da Silva não é "apenas" Zezé Motta, é toda mulher negra brasileira.

Fabio Rodrigues Filho tenta e consegue, em seu filme, operar nesta relação, entre palavras e coisas. O realizador propõe, através da experiência fílmica, agir sobre a/o espectadora/r negra/o a fim de despertar nela/e a reflexão sob a invisibilidade de corpos e agências semelhantes aos seus. O filme é sobre pessoas negras, por pessoas negras, para pessoas negras.

## **SOBRE AMAR A NEGRITUDE**

O filme tanto apertou que até que enfim rasgou. Nos múltiplos momentos catárticos presentes nos 27 minutos da obra, o realizador expõe a realidade da vivência de ser negro/o em nosso país. O curta é uma denúncia. Assim como também é um louvor ao talento e à arte negra. Uma declaração de amor à negritude.

Assim como o filme escancara o racismo, ele escancara o esplendor desses artistas, invisibilizados e impedidos de mostrar ao mundo todo seu talento. A força revolucionária (DIDI-HUBERMAN, 2016) de *Tudo que é apertado rasga* é o próprio filme em si, sua narrativa, sua montagem, as histórias que conta, assim como seu realizador, Fabio Rodrigues Filho, que utiliza de seu corpo negro, sua voz negra, em um gesto de reparação, de devolução e de devolução.

O autor daquele filme-ensaio usou seu amor à negritude para falar de excelência preta. Para falar que, apesar de terem combinado de nos matar, *a gente combinamos* de não morrer, parafraseando aqui ao mesmo tempo Conceição Evaristo (2016, p. 99) e Djonga (2019) que, mesmo sendo constantemente violentados, sendo sequestrados, seguimos resistindo. Seguimos propondo e fazendo mudanças. Seguimos nos colocando em evidência, nos exaltando. As pessoas negras precisam ver as pessoas negras. Nós precisamos nos olhar. E não só isso, precisamos nos olhar e nos reconhecer no que vemos.

Negras e negros estão a cada dia se amando mais, amando suas negritudes. Nós temos orgulhos de sermos negras/os, andamos de cabeça erguida e não aceitamos discriminação, como muito bem disse Zezé Motta, mas, infelizmente essa não é a realidade de todas/os nós. A nossa história impôs a nós muitos obstáculos no caminho desse amor e orgu-

Iho. Amar a negritude é um exercício revolucionário. Uma revolução de conhecimento, de solidariedade, de existência. Uma revolução epistemológica e ontológica.

Este ensaio chega ao seu fim de uma forma otimista: termina falando sobre amor. Termina assim, pois, o conhecimento do povo negro é feito de amor, carinho e união. Assim como é feito de raiva, dor e

angústia. Ele é feito por todos nós, pessoas negras, feito uns com os outros. Ele é feito por violência e por excelência. Para terminar esse texto, retomo bell hooks (2019, p. 5), que nos diz no poema que abre seu livro "Olhares negros: Raça e representação": "Somente o ato e a prática de amar a negritude nos permitirá ir além e abraçar o mundo sem a amargura destrutiva e a raiva coletiva corrente".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Joel Zito. (2008). "O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira". *Revista Estudos Feministas*, 16, 3:979-985.

BARROS, Laan & FREITAS, Kênia. (2018). "Experiência estética, alteridade e fabulação no cinema negro". *Revista ECO-Pós*, 21, 3:97-121.

BÉLICO, Ewerton; BRAZ, Layla; ITALIANO, Carla; RIBEIRO DUARTE, Daniel. Mostra Contemporânea Brasileira. In: FÓRUMDOC.BH (FESTIVAL DO FILME DOCUMENTÁRIO E ETNOGRÁFICO FÓRUM DE ANTROPOLOGIA E CINEMA), 23, 2019, Belo Horizonte. *Catálogo...* Belo Horizonte, 2019.

bell hooks. (2019). *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante.

BERTH, Joice. (2019). *Empoderamento*. São Paulo, Pólen Livros.

BUENO, Winnie. A Lacradora: Como imagens de controle interferem na presença de mulheres negras na esfera pública. *New Order*, 2019. Disponível em: <<https://link.medium.com/vqkKh5AR14>>. Acesso em: 16 de Março de 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. (2019). *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1. ed 1. ed. São Paulo: Boitempo.

COMOLLI, Jean-Louis. (2008). "Estudos em Toulouse: representação, mise-en-scène, mediatização", in R. Caixeta & C. Guimarães (orgs.), *Ver e Poder - A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Tradução de Augustin De Tugny, Oswaldo Teixeira e Ruben Caixeta. Belo Horizonte, Editora da UFMG.

DIDI-HUBERMAN, Georges. (2016). *Remontar, remontagem (do tempo)*. Tradução de Milene Migliano. Belo Horizonte, Chão da Feira.

DJONGA; DOUG NOW; CHRIS MC. Voz. In: DJONGA. *Ladrão*. Belo Horizonte. 2019. Faixa 8.

EVARISTO, Conceição. (2016). *Olhos d'água*. Rio de Janeiro, Pallas Editora.

FANON, Frantz. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA.

FREITAS, Kênia. Afrofabulando imagens: Tudo que é apertado rasga. In: FÓRUMDOC.BH (FESTIVAL DO FILME DOCUMENTÁRIO E ETNOGRÁFICO FÓRUM DE ANTROPOLOGIA E CINEMA), 23, 2019, Belo Horizonte. *Catálogo...* Belo Horizonte, 2019.

GIL, Gilberto; SALOMÃO Waly. Zumbi (A felicidade guerreira). In: GIL, Gilberto. *Quilombo*. Rio de Janeiro: EMI Music Ltda., 1984. Faixa 6.

KILOMBA, Grada. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro, COBOGÓ.

LEANDRO, Anita. (2016). "Os acervos da ditadura na mesa de montagem". *Logos: Comunicação e Universidade (UERJ)*, 23, 2: 103-116.

MOREIRA, Adilson José. Sobre Feministas Negras e Solidariedade Racial. *Justificando*, 2018. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2018/02/05/sobre-feministas-negras-solidariedade-racial-2/>>. Acesso em: 18 de Novembro de 2020.

MOTTA, Zezé. *Sou do tempo em que os personagens negros não tinham família*. Entrevista concedida a Silvio Essinger. O Globo. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/zeze-motta-sou-do-tempo-em-que-os-personagens-negros-nao-tinham-familia-23341150>>. Acesso em: 18 de Novembro de 2020.

RODRIGUES FILHO, Fabio. Quem cala sobre teu corpo, consente na tua morte. In: FORUMDOC.BH (FESTIVAL DO FILME DOCUMENTÁRIO E ETNOGRÁFICO FÓRUM DE ANTROPOLOGIA E CINEMA), 23, 2019, Belo Horizonte. *Catálogo...* Belo Horizonte, 2019.

## FILMES COMENTADOS

Compasso de espera. Direção de Antunes Filho, São Paulo: Antunes Filho Produções Artísticas, 1973. (98 min.)

Pontes sobre abismos. Direção de Aline Motta, São Paulo: Aline Motta, 2017. (8 min.)

Tudo que é apertado rasga. Direção de Fabio Rodrigues Filho. Cachoeira: UFRB, 2019. (27 min).